



Poços de Caldas

5º Congresso Nacional de Educação

09- 10 de Junho 2021 | 100%On-line



INSTITUTO FEDERAL
Sul de Minas Gerais
Campus Poços de Caldas

PEDAGOGIA FEMINISTA E TEORIAS DO CURRÍCULO: ABRANGENDO A DIVERSIDADE NA ESTRUTURA CURRICULAR

Eixo Temático: Currículo, Metodologia e Práticas de Ensino Educação e Diversidade
Forma de Apresentação: **RESULTADO DE PESQUISA**

Rosangela de Araujo Lima¹
Polyana Luz de Lucena²

RESUMO

Promove-se no escopo desse artigo uma discussão sobre a importância da adoção de um currículo inclusivo e afirma-se que a Pedagogia Feminista tem papel significativo nesse processo. A partir da compreensão que uma teoria curricular de ordem pós-crítica contempla a diversidade humana presente no espaço escolar. Atenta-se para o fato de que o Currículo Escolar vai além da prescrição de conteúdo para disciplinas e apresenta-se cerceado por ideologias e posições hegemônicas, reitera-se, então importância ímpar dessa discussão.

Palavras-chave: Pedagogia Feminista; Currículo Escolar; Diversidade Humana

1 INTRODUÇÃO

Os estudos feministas, ao incorporarem as categorias de gênero, forneceram um instrumental capaz de questionar, nas diversas áreas do conhecimento e em todas as esferas da vida, os padrões patriarcais que definem o que significa ser “mulher” (e consequentemente colocaram em questão o que significa ser “homem”, embora esta questão apenas muito recentemente tenha se tornado objeto de reflexão por parte dos homens). A desconstrução a partir destas categorias mostrou que, tanto homens quanto mulheres, aprendem a ser e viver como tal a partir de um complexo aparato de normas e regras de comportamento que definem os papéis de gênero.

A Escola Regular é fiel reprodutora da “Ideologia” da Norma Heterocêntrica, e produz corpos “educados”, como também, exclui, subreciprocamente, aqueles e aquelas que não de (com)formam a seus modelos ideias de sexualidade. O Currículo Escolar, longe de ser um conjunto de conteúdos ordenadamente estruturados, revela-se em documento político de segregação, preconceito e exclusão.

¹ Doutora em Sociologia (UFPB); Mestre em Educação (UFPB); Especialista em: Sexualidade Humana (UFPB); em Metodologia do Ensino Superior (UNIFE); em Saúde Pública (UNAERP); em Estratégia Empresarial (UNIFE); Psicóloga e Odontóloga. Professora (aposentada) UNINASSAU. 2º Doutorado em Psicologia Clínica UNICAP (Em Andamento). psirosa@gmail.com

² Doutoranda em Psicologia Clínica UNICAP; Mestre em Saúde da Família pela FACENE/FAMENE; Especialista em Psicologia Clínica pela UNIFSA; Graduada em Psicologia pela UESPI -Teresina-PI. luzpolyana@hotmail.com



Poços de Caldas

5º Congresso Nacional de Educação

09- 10 de Junho 2021 | 100%On-line



INSTITUTO FEDERAL
Sul de Minas Gerais
Campus Poços de Caldas

2 MATERIAL E MÉTODOS.

Esse é um artigo teórico realizado através de uma pesquisa qualitativa de cunho revisão bibliográfica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É necessário compreender que historicamente muitos processos educativos têm sido caracterizados por uma educação sexista, os quais privilegiavam os homens com reforço às práticas da sociedade patriarcal. Com a luta do Movimento Feminista, em todas as suas vertentes, houve um esforço e ainda há, para o empoderamento das mulheres. Todavia, um outro grupo emergiu, tão ou mais fragilizado, que as mulheres nos espaços sociais, dentre eles, a escola: Crianças, jovens, adultos que apresentam um maneiras de ser que fogem ao que a sociedade ocidental burguesa determinou como ser: “Masculino” ou “Feminino”, de modo que é necessário desconstruir o paradigma da lógica binária, aristotélico-tomista, do terceiro excluído, que tende a levar quem não se “enquadra” na mesma, à exclusão, rejeição, baixa autoestima e marginalidade escolar.

O modelo feminista de educação propõe um conjunto de estratégias e procedimentos que rompe com a lógica de que o saber se encontra apenas naquele que é fonte de autoridade e transmissor único de conhecimento. Propõe, então, a valorização das várias vozes, sendo o diálogo sua dinâmica problematizadora, no qual todas e todos/as são igualmente falantes e ouvintes, capazes de expressar diferentes saberes. As situações de aprendizagens são momentos privilegiados nos quais todas/os são levadas/os a construir conhecimentos de forma cooperativa (LOURO 1997). Nesta perspectiva, essas atrizes e atores sociais passam a acreditar em seus saberes, dando sentido às suas falas e aos seus desejos.

A Pedagogia Feminista pretende ser emancipatória porque possibilita a conscientização, a libertação e a transformação das/os sujeitas/os e de sua realidade, além de libertadora, transformadora e dialógica, essas práticas educativas devem dar poder às mulheres de forma a permitir, tanto às práticas como às relações interpessoais, a utilização de estratégias de “superação” do estado de submissão e de ausência do exercício do poder entre elas. A lógica que pode ser aplicada às questões de escolares vitimizados por estruturas curriculares e ambientes educacionais que corroboram para práticas de exclusão, violência e Bullying.

O papel que a Escola assume nesse cenário pode ser visto, não apenas como importante, mas como estratégico na medida em que se constitui num local potencialmente explicitador e questionador das complexas formas pelas quais as identidades sexuais são construídas, articuladas, experienciadas, transgredidas e rearticuladas no âmbito do social. O currículo escolar, portanto, é central na construção das diferenças e das identidades. Não apenas definido como a relação de disciplinas, conteúdos, atividades, metodologias, avaliações, regulamentos... O currículo é “todo um sistema de comportamento e de valores (...) todo o tipo de aprendizagens e de ausências que os alunos obtêm como consequência de estarem sendo escolarizados”, toda e qualquer “experiência vivida pelo aluno” (SACRISTÁN, 1995, p. 86 e p. 88). O currículo é representação.

A diferença cultural e sexual dependerá de inúmeros processos de exclusão, de vigilância de fronteiras, de estratégias de divisão que, em última análise, definem



Poços de Caldas

5º Congresso Nacional de Educação

09- 10 de Junho 2021 | 100%On-line



INSTITUTO FEDERAL
Sul de Minas Gerais
Campus Poços de Caldas

hierarquias, escalas valorativas, sistemas de categorização... Aspectos esses indispensavelmente questionáveis na Pedagogia Feminista que busca problematizar o sexismo, a misoginia, a homofobia, as diversas formas de preconceito e exclusão.

Segundo Silva (2005) pensar o currículo a partir das teorias pós-estruturalistas é pensar nas relações de poder, sendo a seleção uma de suas operações, a qual envolve a busca de consenso e de hegemonia, uma vez que as concepções tradicionais sobre o currículo, que se pretendem como neutras, científicas, desinteressadas se diferenciam da abordagem crítica e pós-crítica, pois essas salientam que nenhuma abordagem é neutra, científica ou desinteressada, mas está inevitavelmente implicada em relações de poder.

A perspectiva que defendo neste artigo, é que a sexualidade humana é uma construção linguística discursiva de um determinado momento histórico e cultural da sociedade ocidental.

A escola, com o seu currículo, tem um papel de destaque na formação de identidades - sexuais, de gêneros, de raça, entre outras -, sendo um importante espaço para as discussões das questões vinculadas a sexualidade, portanto todos os profissionais que estão envolvidos com a construção do currículo escolar devem discutir e problematizar as questões de corpos, gêneros e sexualidade nas escolas. Para Jacoby, Nogueira, Correia e Silva (1999, p.91) “todos que lidam com os alunos no espaço escolar são educadores”. Desse modo, entendemos que os profissionais da equipe pedagógica e diretiva das escolas devem estar atentos/as para questões da sexualidade, que não só estão presentes no cotidiano da escola, mas também fazem parte das estruturas curriculares os quais podem constituir um campo para uma educação emancipadora e libertária, como para uma educação opressora e exclusivista.

CONCLUSÕES

Considera-se, pois, que essa discussão não está acabada, mas tão somente iniciada, que o currículo escolar não deve omitir-se a empreendê-la e tão pouco omitir-se de problematizar toda essa teia discursiva que a Escola comporta. A partir da discussão ora apresentada, é de importância ímpar a adoção de uma pedagogia feminista nas práticas escolares e na adoção de um currículo inclusivo que alcance toda a diversidade humana.

Pela visão pós-crítica de currículo e, pois, ao pensá-lo devem ser levadas em conta as intenções que a escola deseja ao ensinar seus educandos. A pedagogia feminista desconstrói esses paradigmas em torno dos comportamentos homogêneos e machistas da sociedade, recomendando a discussão sobre o pluralismo e todas as formas de expressão encontradas em cada sujeito, seja ele homem ou mulher, cis ou trans. Pensar essas problematizações seria para os sujeitos para o caminho do empoderamento.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Jurandir Freire (2002). **A Inocência e o Vício**: estudos sobre o homoerotismo. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- FOCAULT, Michel. (1993). **História da sexualidade I** – A vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- FURLANI, Jimena. Abordagens contemporâneas para educação sexual. In: FURLANI, Jimena. (organizadora). **Educação sexual na escola**: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças.



Poços de Caldas

5º Congresso Nacional de Educação

09- 10 de Junho 2021 | 100%On-line



INSTITUTO FEDERAL
Sul de Minas Gerais
Campus Poços de Caldas

Florianópolis: UDESC (fundação Universidade do Estado de Santa Catarina), 2008.
p.18-34

FREIRE, Paulo (1987). **Pedagogia do Oprimido**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (org.). **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SACRISTÁN, J.G. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T. T. & MOREIRA, F. (Orgs.) **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.

Petrópolis: Vozes, p.82-113, 1995.